Teses sobre as lutas proletárias de 2018 no Oriente Próximo e Médio e suas perspectivas

Fredo Corvo

Link: https://afreeretriever.wordpress.com/2019/01/03/theses-on-the-2018-proletarian-struggles-in-the-near-and-middle-east/

Resumo de um artigo

As teses a seguir apresentam um resumo introdutório do artigo Iran: *What after the repression of the Haft Tapeh workers and the steelworkers in Ahvaz?* publicado na íntegra no blog Libcom do autor.

A luta de Haft Tapeh em Shûsh e dos trabalhadores siderúrgicos em Ahvâz (Irã) parece ter chegado ao fim. Este é um momento para aprender as lições das cinco ondas de lutas proletárias que sacudiram o Oriente Médio em 2018. Na próxima onda de lutas, as etapas anteriores serão repetidas. Quando suas lições forem aprendidas - e integradas às da onda revolucionária de 1917-1923 -, as próximas etapas serão realizadas com uma consciência de massa elevada, com uma organização de massa aprimorada e com objetivos de classe mais elevados. Os proletários do Oriente Médio ainda não se conscientizaram disso, mas a luta para defender seus meios de subsistência, voltando-se contra a guerra imperialista, está se desenvolvendo em direção a uma revolução comparada à qual a derrubada do regime do Xá em 1979 foi apenas uma brincadeira de criança.

Ondas de mobilizações

1. De greves de trabalhadores do petróleo no Curdistão iraquiano a greves no Irã

É promissor que o movimento atual tenha começado no final de 2017 no Iraque e se espalhado de lá para o Irã. Esse movimento se espalhou internacionalmente, ultrapassando as fronteiras dos Estados. Desde o início, essa tem sido uma característica importante que será restabelecida nas próximas ondas de lutas. Será de enorme

importância se os trabalhadores em greve e manifestações também indicarem explicitamente, com slogans e em faixas ou cartazes, que eles assumiram as lutas dos trabalhadores em outros países.

2. Manifestações de rua dos jovens desempregados; a sucessão de slogans contra a guerra

Os slogans contra a guerra imperialista se sucedem em uma consciência cada vez mais elevada e contra todas as facções do regime dos aiatolás. Vimos as greves nas fábricas passarem para manifestações de rua, nas quais podem participar trabalhadores de outras empresas, proletários desempregados e outros setores não capitalistas da população. Isso resulta em uma dinâmica (em última análise, revolucionária) que é completamente diferente da adesão dos trabalhadores a um movimento do "povo". Nesse último caso, as classes médias prevalecem com sua luta burguesa por "democracia" e participação em eleições ou outras mudanças no topo, na prática. Esse foi o caso do movimento dos "coletes amarelos" na França e na Bélgica em 2018; da chamada Primavera Árabe em 2011 e do movimento de 1978/1979 no Irã, quando a "oposição" da Frente Nacional e dos aiatolás afogou o movimento dos trabalhadores em um "movimento popular" e o restringiu a expulsar o Xá, deixando o Estado e o exército no poder.

Essas duas primeiras ondas atingiram seus limites por falta de organização, a não ser pela mídia social. Foi somente na quinta onda, na luta dos trabalhadores de Haft Tapeh, que se formou uma organização.

3. Apesar da repressão, greves e manifestações em todo o Irã, Tunísia e Jordânia

O desemprego endêmico é uma característica do capitalismo atual em crise, com efeitos especialmente devastadores no Oriente Médio, cuja pirâmide demográfica é caracterizada por uma alta porcentagem de jovens. O movimento ainda parece depender principalmente do anonimato e da mídia social, e a falta de organização não foi superada. O último movimento "espontâneo" ocorre na região petrolífera do sul do Iraque, na fronteira com o Irã.

4. O movimento atravessa as fronteiras para o sul do Iraque

Algumas características desse movimento e os motivos subjacentes dos proletários merecem atenção especial:

1. Ocorreu simultaneamente no Irã e no Iraque e foi direcionado contra as mesmas condições: desemprego, falta de serviços básicos, como eletricidade (em parte vinda do Irã, mas cortada por falta de pagamento), água potável e água para a agricultura (aproveitada para usinas nucleares no Irã), assistência médica, aluguéis altos, falta de pagamento de salários, a total implausibilidade dos políticos por corrupção, favoritismo e fraude eleitoral;

2. Ele tinha como alvo as autoridades religiosas;

3. Os proletários uniformizados e os soldados desmobilizados estavam presentes e participaram ativamente;

4. Como na Tunísia, no sul do Iraque, os trabalhadores desempregados foram às empresas e exigiram ser contratados.

5. Khuzestan: trabalhadores da Haft Tapeh (Shûsh) e da INSIG steel (Ahvâz) unem sua luta

As greves dos trabalhadores da cana-de-açúcar e do aço em Khuzestan atraíram a atenção com imagens de vídeo de reuniões de massa e porta-vozes atuando publicamente compartilhadas pela Internet. Um deles, Ismail Bakhshi, apresentou a perspectiva de um "Shora". Isso foi saudado por grupos revolucionários na Europa e na América do Norte como um Conselho de Trabalhadores e até mesmo como um Soviete à imagem dos conselhos revolucionários das Revoluções Russas de 1905 e 1917. Na verdade, os trabalhadores do Irã estavam longe disso. Sua organização em Assembleias Gerais (AG) e em um comitê de greve foi encorajadora, mas não é suficiente. Embora o fato de estar em greve em duas cidades "próximas" simultaneamente (a uma distância de cerca de 100 km) seja positivo, a organização dos trabalhadores estava limitada ao local de trabalho. No futuro, sua organização deverá abranger áreas geográficas maiores. Em segundo lugar, a busca por solidariedade ativa deve ter um escopo mais amplo do que o foco em "problemas semelhantes com a administração", ou seja, o não

pagamento de salários, no contexto de uma "privatização" manipulada pelo Estado de empresas estatais. Na época, o regime do Xá só começou a vacilar de fato quando os trabalhadores do petróleo, relativamente privilegiados, entraram em greve.

Perspectivas

O slogan ***"Pão, Trabalho, Liberdade e Conselho de Trabalhadores"*** tem desempenhado um papel importante ao concentrar a luta dos trabalhadores em objetivos comuns. É claro que, quando a luta se desenvolver, novas demandas refletirão objetivos mais elevados. Já está faltando uma demanda para envolver os trabalhadores do setor de petróleo. Se isso for bem-sucedido, nenhuma concessão será demais para que os governantes recuperem o poder que a classe trabalhadora, forjada em uma unidade de luta, realmente detém.

1. Para conselhos de trabalhadores revolucionários

Até onde sabemos, a proposta de Ismail Bakhshi de estabelecer uma "Shora" pretendia ser uma organização de trabalhadores de uma empresa para influenciar sua política, independentemente de ela estar nas mãos de empresários privados ou do Estado, como era o caso antes da chamada privatização. Ele não pretendia mais do que um inocente conselho de trabalhadores, como os que existem legalmente em quase todos os países industrializados para promover a cooperação entre capital e trabalho. Então, por que Ismail Bakhshi foi acusado de colocar em risco a segurança do Estado, por que foi preso, maltratado, torturado e, por fim - em uma tentativa de apaziguar os trabalhadores furiosos - foi colocado em prisão domiciliar? Porque as Shoras fundadas pelos próprios trabalhadores, lutando por seus próprios interesses, além dos partidos existentes e de outros interesses, podem se desenvolver a partir de instituições inocentes para controlar o que acontece na empresa e de órgãos participativos inofensivos em organizações para expandir e coordenar a luta proletária. Por fim, nessa luta, elas podem se transformar em uma organização do poder dos trabalhadores, mais ou menos equivalente ao poder do capital, do estado e do exército, e derrubá-lo.

2. Em direção a um modo de produção e distribuição sem lucro, mercado, capital e dinheiro

Quando têm todo o poder em suas mãos, os conselhos de trabalhadores podem iniciar a produção e os serviços e usá-los para seus próprios objetivos de classe. Mesmo antecipando essa situação revolucionária, isso já pode ser feito (como fizeram os comitês de greve na Polônia em 1980), fornecendo eletricidade a bairros populares e da classe trabalhadora, tornando o transporte público gratuito, mas boicotando distritos governamentais e bairros burgueses. Ao fazer isso, os trabalhadores em luta mostram que, como classe produtiva, eles oferecem à sociedade a perspectiva de produção e distribuição para as necessidades sociais, sem depender do lucro, do mercado, do capital e do dinheiro.

3. Trabalhadores desempregados e empregados devem se unir

Os trabalhadores proletários podem abrir suas empresas ocupadas aos proletários desempregados para permitir que eles participem de assembleias gerais conjuntas, possivelmente incluindo-os na produção. Após a tomada do poder pelos conselhos de trabalhadores, isso ocorrerá em grande escala.

4. Para acabar com as guerras imperialistas, vire suas armas contra o inimigo de classe em seu próprio país

A *Primeira Guerra Mundial* só terminou quando não apenas os trabalhadores e soldados da Rússia se rebelaram com seus conselhos e tomaram o poder, mas também quando marinheiros, soldados e trabalhadores da Alemanha começaram a seguir esse exemplo. Da mesma forma, as guerras atuais entre as potências imperialistas regionais e entre as superpotências só terminarão quando os proletários uniformizados voltarem suas armas contra seus próprios governantes.

F.C., 2 de janeiro de 2019

Revisão de provas: H.C., 2 de janeiro de 2019. Última correção: 10 de janeiro de 2019.